

As escolas e as escolas de samba

JORGE FERREIRA DA SILVA E
FÁTIMA CUNHA FERREIRA PINTO*

Embora Noel tenha dito que samba não se aprende na escola, as escolas de samba hoje estão no Sambódromo. Entra ano, sai ano, o desfile volta a acontecer, apaixonando os brasileiros, encantando os turistas, desafiando a mídia e até levando os intelectuais a se aventurarem em explicações sobre o Brasil. Lá pelo final da década de 20, o samba continuava sendo caso de polícia. Os blocos, os ranchos e as Grandes Sociedades é que desfilavam no carnaval. Um certo dia, ali na Praça 11, com um jeito apenas ligeiramente diferente dos ranchos, aparece a Deixa Falar, a primeira agremiação com o nome de escola de samba. A nova denominação pegou, e logo surgiram outras escolas de samba.

Se samba se aprende fora da escola, por que as escolas de samba são chamadas de escolas? Trata-se de uma questão – que nos perdoem os especialistas – de geografia. É que perto da Deixa Falar, a instituição ou o prédio mais conhecido era o da antiga Escola Normal. De Escola Normal para escola de samba foi um passo. Não sabemos se nas redondezas da Deixa Falar já existiam o atual Souza Aguiar, a Central do Brasil ou o Instituto Médico Legal. O que importa é que ninguém tenha preferido chamar as novas associações de hospitais do samba, armazéns do samba ou igrejas do samba, para ficar nesses exemplos. Afinal, era tão boa que podia ensinar e seguramente por isso merecia ser e era uma escola.

A adoção da palavra escola não traz sinais de ter sido accidental. Tudo nos leva a crer que o termo possuía certo prestígio e, mesmo que auto-atribuído, dava status. Naquele tempo (parece linguagem bíblica, mas isso aconteceu só há 70 anos...), a escola era um ideal, um modelo, gozava de respeito, e daí, certamente, ter sido a denominação escolhida pelas e para as escolas de samba. Hoje, não erraríamos muito ao dizer que houve uma inversão. As escolas perderam muito da sua imagem e do velho charme, não se incluindo entre os mais autênticos objetos de desejo de cada um de nós. Na nossa realidade, agora, que tem visibilidade, peso político e significação popular é a escola de samba.

Recordemos que a Deixa Falar pinçou da antiga Escola Normal somente aquilo que ser-

via e nada além. Dessa maneira, ainda, que em fase inicial, a novíssima escola de samba definiu, protegia e assegurava a própria identidade. O empréstimo da palavra escola não foi acompanhado da adoção do conceito de escola. Escolas e escolas de samba são instituições com identidades distintas, que é preciso respeitar e preservar. Noutras palavras, aprender com as escolas de samba não deve ser entendido como copiar nem mesmo imitar as escolas de samba.

As embrionárias escolas de samba de décadas atrás, essencialmente comunitárias e apoiadas em tecnologias artesanais, cujos melhores exemplos eram a Mangueira e a Portela, foram substituídas, na virada da década de 50 para a de 60, por escolas com notável presença da classe média, principalmente de segmentos com formação universitária, e passou a aplicar tecnologias mais exigentes e que presumem grande profissionalização. À frente de todas, o Salgueiro.

A lição a extrair, aqui, é que nossas escolas precisam mudar permanentemente, sistematicamente, já e sobretudo sem cessar. Renovar-se, reinventar-se, refazer-se para recuperar o prestígio e status perdido e ganhar a posição de que precisam para cumprir suas funções e realizar suas tarefas. Se não o fizerem, serão substituídas por outras instituições. Na realidade, a ameaça de não-educadores reivindicarem para si o que é próprio ou deveria ser dos educadores deixou de ser uma questão acadêmica, sendo irremediavelmente um fato.

Ao transformar-se, as escolas de samba absorveram camadas cada vez mais amplas da sociedade, criaram pontos de apoio, deram nascimento a alianças e, com ousadia e critério, exploraram e incorporaram tecnologias crescentemente mais avançadas. A discussão não impediu que as escolas de samba empregassem moderníssimo equipamento de som para eliminar o antigo e irritante problema do atravessamento, que fazia com que as alas cantassem versos diferentes do samba-enredo simultaneamente.

É evidente, a continuar o uso extensivo e intensivo de tecnologias artesanais no ensino, que os problemas educacionais vão persistir por muito tempo. Conhecer as limitações e impropriedades das modernas tecnologias e, conseqüentemente, ter o cuidado de evitar ilusões descabidas quanto à sua possibilidade de êxito em qualquer situação não pode produzir com-

portamentos de rejeição geral. A tecnologia contemporânea abre preciosas vias para o desenvolvimento pessoal e social.

Outro ponto a salientar nesta breve análise é a captação e uso de recursos. Como se sabe, as fontes a que as escolas de samba têm recorrido nem sempre se encontram entre as mais respeitáveis. O que conta é que, todos os anos, paralelamente ao choringo quanto à falta de apoio das autoridades, quer dizer, de verbas, todas as escolas de samba se desdobram para obter patrocínios. Quando não se tem sucesso, reduz-se o nível de gastos, faz-se milagre.

Finalmente, as escolas de samba se profissionalizam ano a ano. Isto é, definem o enredo e sob sua luz se organizam artística, profissional e emocionalmente para competir pelo primeiro lugar. Mesmo que freqüentemente tumultuada e conquanto mereça críticas, um ponto marcante da apuração é que busca nivelar por cima e, numa visão retrospectiva, tem tido efeitos inegavelmente benéficos. Nas escolas, o equivalente do enredo é o projeto pedagógico e a apuração se transforma em avaliação.

O projeto pedagógico ainda não conquistou completamente o seu lugar, apesar de agora obrigatório pela nova LDB. Com mais experiência, porém, os projetos preencherão plenamente o seu papel, refletindo de maneira realista as aspirações e a vontade coletiva e permitindo alcançar efetivamente objetivos substantivos. Quanto à avaliação, está nos primeiros estágios. Contudo, tem contribuído para mudar a orientação, reformular o ensino e alterar a demanda pelos cursos, especialmente no nível superior. É suficiente lembrar em tal sentido o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (o SARB) e os provões.

Mas é necessário ir mais longe e saltar da profissionalização para o profissionalismo, o que depende em grande parte da mobilização dos corações ementes dos diretores, professores e alunos, exige continuidade e requer confiança. Competência profissional, felizmente, não falta. No mundo atual, o campo da educação reúne o maior contingente e o melhor da capacidade de qualquer país. O que falta é pressionar a tecla ou teclas que mexam e incentivem a mais ação.